

## DEGRADAÇÃO AMBIENTAL E NOVAS TERRITORIALIDADES NO EXTREMO SUL DA BAHIA

Raul Reis Amorim  
Mestrando em Geografia - UNICAMP  
[raul\\_reis\\_amorim@ige.unicamp.br](mailto:raul_reis_amorim@ige.unicamp.br)

Regina Célia de Oliveira  
Profa Dra. Departamento de Geografia - UNICAMP  
[reginacoliveira@ige.unicamp.br](mailto:reginacoliveira@ige.unicamp.br)

### RESUMO

O Extremo Sul da Bahia apresenta naturalmente grande fragilidade ambiental. Esta fragilidade está diretamente ligada a fatores naturais como: a cobertura sedimentar de origem terciária e quaternária; os grandes índices pluviométricos; e das baixas declividades. Tais fatores tornam a área susceptível a processos erosivos. O avanço da ocupação em direção ao interior deu-se de maneira bastante lenta, no entanto, a partir da década de 40 todas as Mesoformas foram intensamente ocupadas, o que alterou os aspectos morfogenéticos e acentuou a fragilidade ambiental da região, intensificando a ação das enchentes, abreviando os processos erosivos e os movimentos de massa, acelerando o desmatamento (diminuindo a biodiversidade) e alterando a dinâmica climática. O objetivo deste trabalho é caracterizar como se deu o uso e a ocupação da região Extremo Sul da Bahia, identificando as principais transformações na paisagem, associando a dinâmica demográfica e as transformações no uso a partir de 1945. Concluiu-se que o processo de ocupação do Extremo Sul da Bahia tem se intensificado na segunda metade do século XX, dinamizou a economia local que causou a degradação socioambiental da área, podendo identificar-se algumas conseqüências mais marcantes para a região: a devastação da Mata Atlântica; o uso inadequado do solo; agravamento da fragilidade ambiental; crescimento acelerado do contingente populacional, e surgimento de novas cidades, atingindo o maior índice de urbanização do Estado.

**Palavras-Chave:** Fragilidade Ambiental; Extremo Sul da Bahia; Uso da Terra.

## ENVIRONMENTAL DEGRADATION AND NEW TERRITORIALITIES IN SOUTHERN BAHIA

### ABSTRACT

Naturally, the southern regions of Bahia are environmentally fragile. This fragility is linked to natural factors such as the tertiary and quaternary sedimentary lining, the high pluviometric rates and relatively low slope. All those factors render the area susceptible to erosive processes and mass movements. Man's occupation and its advance inwards took place in a rather slow manner, however, since the 1940s all the Mesoforms were "antropizadas", which altered the morphogenetic aspects and enhanced the region environmental fragility, intensifying the effects of floods, the frequency of erosive processes and mass movements, accelerating deforestation (decreasing biodiversity) and altering the climate dynamics. This paper intends to characterize the occupation process of the far south regions of Bahia, identifying key transformations in landscape, in association with demographic dynamics and land usage after 1945. It has concluded that the occupation process of Southern Bahia has been intensified after the second half of the 20th century, boosted local economy, which in turn degraded the area both socially and environmentally, enhancing the negative effects of some related processes: deforestation of the Atlantic Forest, the improper use of the soil, enhancement in intrinsic environmental fragility, accelerated growth in population masses and arising of new cities, culminating in the state's higher urbanization ratios.

**Words-Key:** Environmental fragility, southern Bahia; land usage

## INTRODUÇÃO

A região Extremo Sul da Bahia é conhecida como o berço do território nacional, pois é uma das áreas mais antigas de ocupação e povoamento da Bahia e do Brasil; no entanto, o desenvolvimento socioeconômico e a expansão demográfica em seu espaço só assumiram características e patamares bem expressivos já no século XX, distintamente do que ocorreu na maioria das áreas litorâneas do território brasileiro.

A ocupação inicial ocorreu nas áreas da Planície e dos Tabuleiros Costeiros que margeavam a costa, pois os portugueses edificavam suas vilas nas áreas mais altas estando alerta a possíveis invasões por via marítima, mas que no final do século XIX com a migração proveniente do Alto Jequitinhonha e a expansão da pecuária atingiu também as áreas onde se situa o Planalto Pré-Litorâneo (RIBEIRO & GALIZONI, 2000).

O avanço da ocupação em direção ao interior deu-se de maneira bastante lenta, mas que nos dias atuais vêm ocupando a região, alterando a paisagem natural e acentuando a fragilidade ambiental da região, pois intensifica a ação das enchentes, abreviam os processos erosivos e os movimentos de massa, aceleram o desmatamento (diminuindo a biodiversidade) e alteram a dinâmica climática.

A partir da segunda metade do século XX, a região Extremo Sul é inserida na dinâmica econômica do Estado da Bahia, desta forma, sofrendo grandes transformações na produção econômica e na divisão territorial municipal, tendo como conseqüência um crescimento demográfico acelerado, proveniente principalmente de fluxos migratórios. O desmatamento altera a dinâmica do uso da terra, mas também interfere nos processos morfogenéticos do modelado, desta forma acentuando a fragilidade ambiental da região.

O objetivo deste trabalho é caracterizar como se deu o uso e a ocupação da região Extremo Sul da Bahia; identificar as principais transformações na paisagem; analisar a dinâmica demográfica e as novas territorialidades da área a partir de 1945, quando o processo de interiorização da região intensificou-se; e avaliar a fragilidade ambiental natural associando esta à ação antrópica no processo de ocupação das principais formas de relevo identificadas na área de estudo.

## MATERIAL E MÉTODOS

### Área de Estudo

Ao considerar a proposta de regionalização do Estado da Bahia em regiões econômicas definidas pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI, 2002), a área de estudo é denominada de região Extremo Sul, sendo composta por 21 municípios, estando localizada ao sul do território baiano, fazendo fronteira ao sul, com o Estado do Espírito Santo, a oeste com o Estado de Minas Gerais e ao norte com as Regiões Econômicas baianas Sudoeste Baiano e Litoral Sul, sendo a parte leste margeada pelo Oceano Atlântico (Figura 1).

### Procedimentos Metodológicos

Objetivando Atender os objetivos propostos para este trabalho, realizou-se uma pesquisa bibliográfica referente ao Extremo Sul da Bahia enfocando as seguintes temáticas: inventário dos aspectos litológicos, climáticos, biogeográficos, pedológicos, hidrográficos e os geomorfológicos; fragilidade ambiental natural; o histórico de ocupação e povoamento; e principais atividades econômicas desenvolvidas entre 1945 e 2000.

Outra etapa do trabalho foi o levantamento cartográfico, onde foi possível a aquisição dos mapas geomorfológico, geológico, hidrográfico, uso da terra e pedológico (SEI, 2004), e de evolução da cobertura vegetal (Silva et al, 2004). Os mapas foram organizados e inter-relacionados com o uso do software ArcView 3.2a.

Também se realizou um trabalho de campo, onde se percorreu os municípios de Itapebi, Eunápolis, Itabela, Itamaraju e Prado durante os dias 22 e 23 de julho de 2006, buscando

inventariar as condições naturais da área, o grau de ocupação e os problemas ambientais. Os fatos foram registrados com o uso de uma máquina fotográfica e fichas de observação. O trabalho de campo permitiu avaliar a fragilidade ambiental natural associando esta a ação antrópica.

Em razão das transformações recentes na divisão territorial municipal, optou-se por realizar uma análise demográfica da região, com base nos Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000. Tais dados foram coletados no sítio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e em publicações da SEI. De posse dos dados demográficos, foram elaborados mapas da dinâmica demográfica na região com o uso dos softwares Arc View 3.2a e ArcMap.

A etapa final deste trabalho foi avaliar como a ação antrópica tem agravado a fragilidade ambiental natural no processo de ocupação de cada Mesoforma identificada na área de estudo.

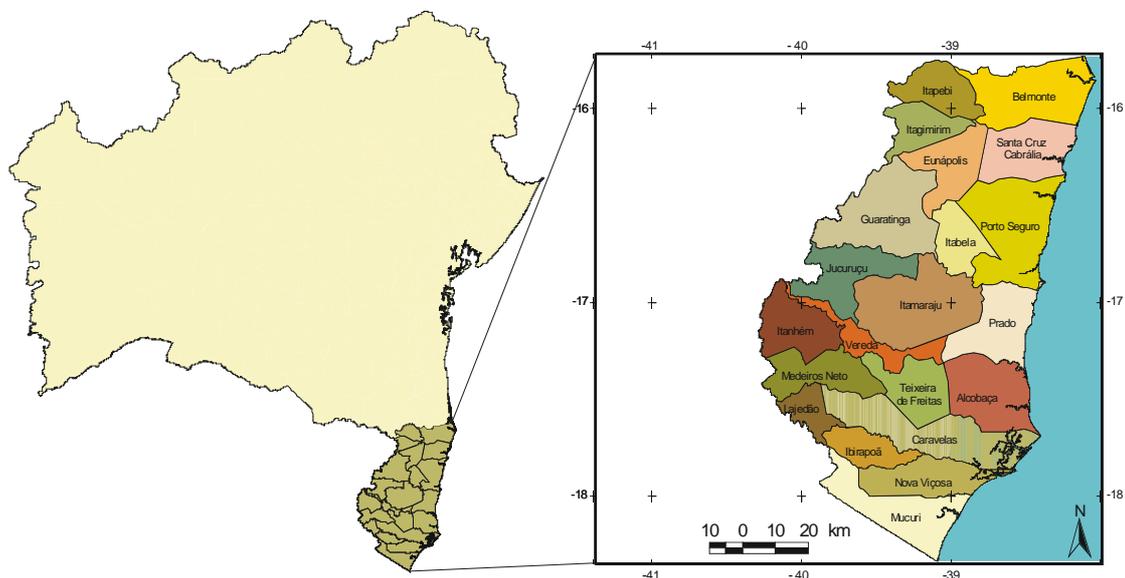


Figura 1 - Localização da área de estudo: Região Extremo Sul do Estado da Bahia. Adaptado (SEI, 2004)

## CARACTERIZAÇÃO DO MEIO NATURAL

A descrição do quadro natural predominantemente teve como fonte básica o trabalho realizado por BRASIL (1987). O Extremo Sul da Bahia é formado por três grandes compartimentos geomorfológicos: a Planície subdividida em Marinha, Fluvial e Flúvio-Marinha onde predominam os Ecossistemas Costeiros (Restinga e Manguezal); e os Planaltos Costeiro e Pré-Litorâneo, onde estão naturalmente situadas a Floresta Ombrófila Densa e a Floresta Estacional Semi-Decidual (Figura 2).

A Planície Marinha e Flúvio-Marinha (Figura 03) correspondem às acumulações marinha e flúvio-marinha que compõem as feições morfológicas características da faixa litorânea e que englobam os Complexos Deltaicos, Estuarinos e Praiais, em algumas áreas mantendo relação direta com

falésias (Figura 3). Na área existe uma distinção de modelados como restingas e cordões, dunas, marcas de antigos canais e meandros, lagunas e manguezais (BRASIL, 1987). Os sedimentos

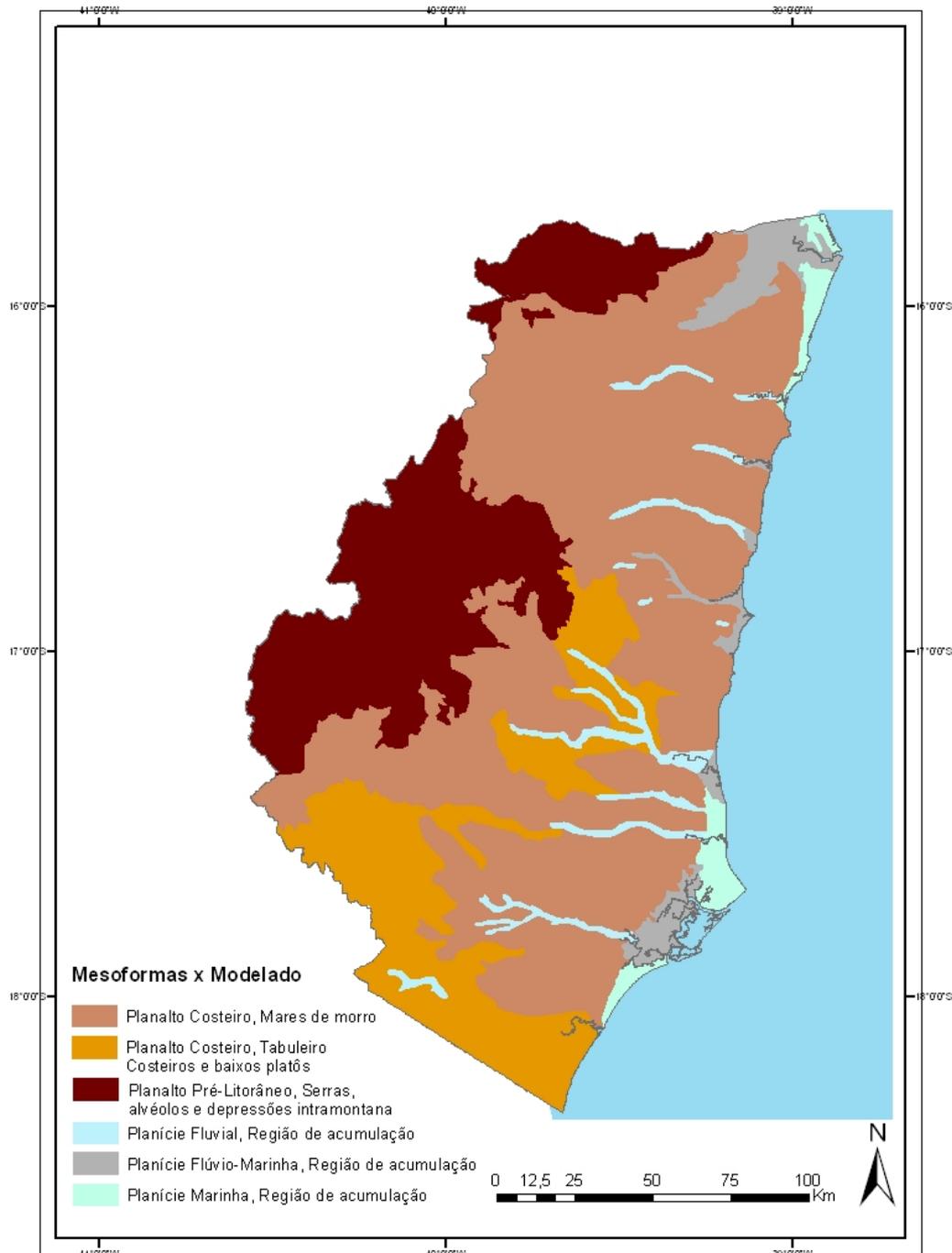


Figura 2 - Mapa Geomorfológico do Extremo Sul da Bahia em 2004 Adaptado (SEI, 2004).

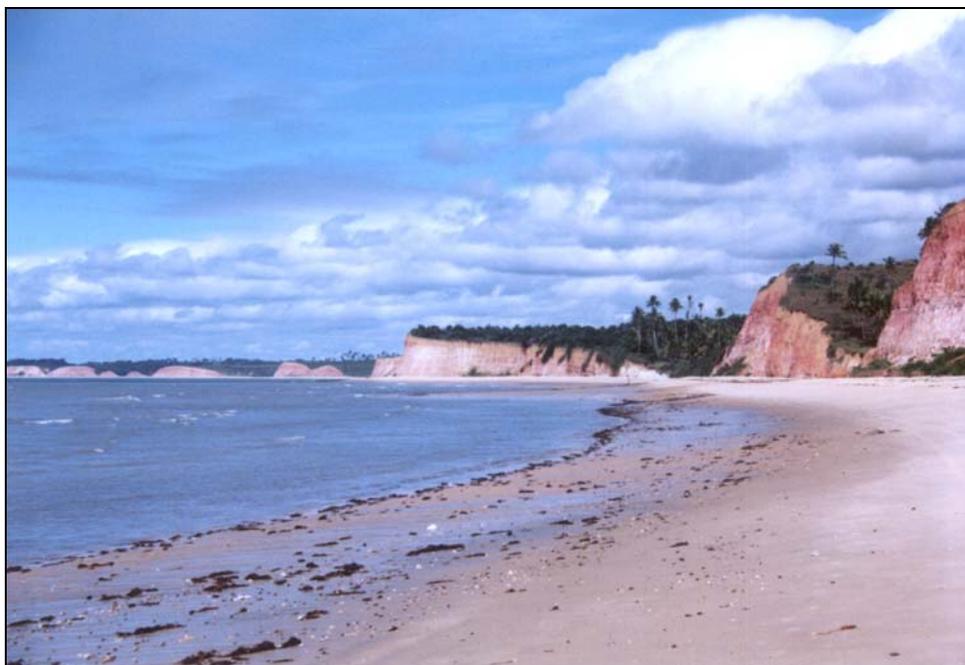


Figura 3 - Planície Marinha no município de Prado-Bahia, em Julho de 2006.

inconsolidados de textura arenosa são encontrados nas restingas e cordões, cobertas por uma vegetação marinha arbórea, arbustiva e herbácea, onde se pode averiguar a fraca atuação dos processos pedogenéticos, embora existam condições para a gênese de solos naturalmente carregados pelas enchentes anuais, como os Neossolos Quartzarênicos e os Espodossolos (Figura 4) (SEI, 2004).

A ação das ondas, correntes e marés provocam uma intensa abrasão e inundações nas áreas deltaicas, enquanto a ação eólica reativa e acumula as dunas. Estes fatores determinam a predominância dos processos de erosão e acumulação sobre os de alteração e formação dos solos (BRASIL, 1987).

A planície fluvial corresponde a áreas planas ou levemente inclinadas contendo sedimentos quaternários de textura, permeabilidade e coesão variáveis. São áreas representadas por faixas de várzeas e terraços fluviais, fluvioacustres e complexos fluviocoluviais que se desenvolvem no litoral ao longo da maioria dos rios, como o Buranhém, Jucuruçu e Mucuri. A presença da mata ciliar associada a áreas de cultivo permanente (cacau) e pastagens facilitou a demarcação da unidade (SILVA, 1975; BRASIL, 1987; SEI, 2004).

Nas planícies e terraços fluviais é notada a presença de Neossolos Flúvicos de textura arenosa, areno-argilosa e argilosa, além de coluviões de textura variável incluindo localmente seixos e blocos, que combinados a uma declividade extremamente fraca (0 a 2°) favorecem o escoamento subsuperficial, que está ligado à variação de nível do lençol freático, elevado por ocasião das chuvas (Figura 4). O processo morfogenético predominante é o escoamento superficial, que provoca movimentos de massa localizados, devido à ausência da cobertura vegetal natural expõe assim as margens dos rios. Este processo aliado ao menor gradiente dos rios, que implica numa diminuição da sua competência, e à chegada de detritos provenientes das margens atingidas por desbarrancamentos, faz com que a maioria dos rios transporte grande quantidade

desses detritos, por ocasião das grandes enchentes, que leva ao transbordamento do leito e conseqüente deposição nas margens e nas partes baixas dos terraços, fertilizando o solo e dificultando a evolução da pedogênese (Figura 4) (BRASIL, 1987; SANTANA et al, 2002).

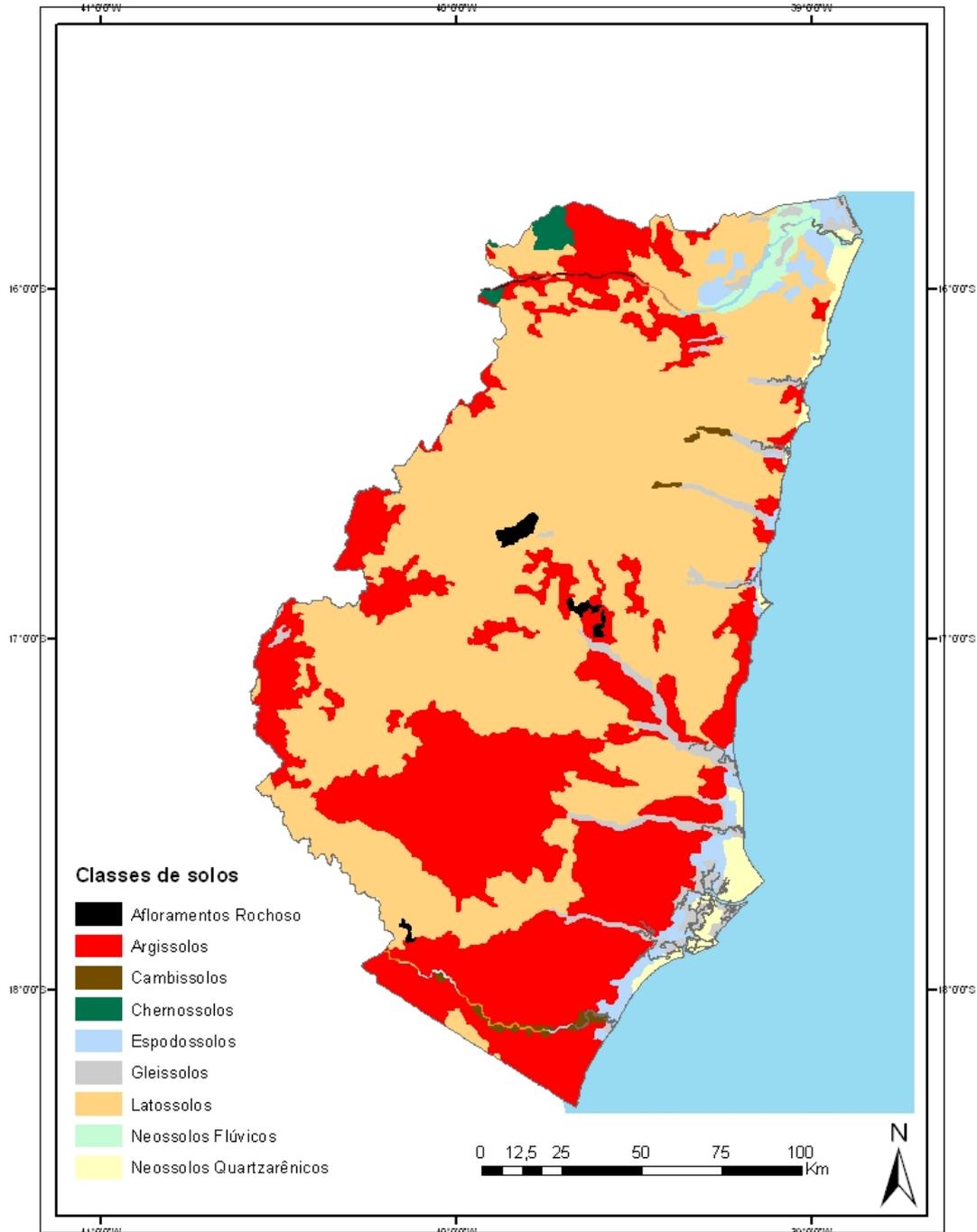


Figura 4 - Mapa das classes de solos do Extremo Sul da Bahia em 2004.  
Fonte: (SEI, 2004).

Sobre estes modelados desenvolvem-se a vegetação de Restinga e de Mangue. A Restinga apresenta duas fisionomias: a arbórea e a herbácea. A sua formação florística é relativamente simples, as árvores e arvoretas com altura em torno de 7m apresentam copas bastante regulares, submata densa e certa abundância de epífitas. Em segundo plano têm-se os cordões litorâneos propriamente ditos, raramente atingidos pelas marés, onde se denominam caméfitas e microfanerófitas (arbustos), caracterizando a Restinga Arbustiva (*scrub*). A densidade da vegetação é variável e sempre composta de um estrato herbáceo de espécies com caules estoloníferos, que confere a esses cordões de pequenas dunas certa estabilidade. Os solos altamente salinos, aliados a uma temperatura elevada, manifestam-se através de algumas adaptações morfológicas, que influem na ação fisiológica das plantas, como caules estoloníferos e rizomas (BRASIL, 1987).

A vegetação de Mangue é caracterizada pelas áreas sob influências das oscilações das marés, normalmente com Gleissolos, que ocupam o estuário de certo rios. Ai desenvolve-se uma comunidade seral arbórea (Mangue), cujas espécies mais freqüentes são bastante homogêneas, repetindo-se ao longo de todo o litoral brasileiro. O mangue-vermelho (*Rhizophora mangle*) instala-se preferencialmente próximo a desembocadura dos rios, ou seja, em locais com maior grau de salinidade formando densos povoamentos, cujos indivíduos mais altos atingem em torno de 13m. Já o mangue-branco (*Laguncularia racemosa*) e o mangue-amarelo (*Avicennia germinans*) estendem-se pelos baixos cursos dos rios, atingindo grandes distâncias, como no caso do rio Peruípe, onde esta comunidade foi encontrada a 17 km da foz do referido rio (op. cit).

A morfoestrutura do Planalto Costeiro é constituída por rochas do embasamento datadas do Arqueano e por depósitos sedimentares datados do Terciário, caracterizando assim um modelado de Tabuleiros Costeiros e Mares de Morro são cobertas pela Floresta Ombrófila Densa (mais a leste) e a Floresta Estacional Semi-Decidual (a oeste).

Os Tabuleiros Costeiros coincidem com os sedimentos cenozóicos do Grupo Barreiras, constituídos de areias e argilas variadas com eventuais linhas de pedra, dispostas em camadas com espessura variável de conformidade com as ondulações do substrato rochoso, que ocasionalmente aflora influenciando nas formas do modelado (TRICART & SILVA, 1968). Distribuem-se desde o sopé das elevações cristalinas do Planalto Pré-Litorâneo até as planícies quaternárias, em contato localmente estabelecido por paleofalésias ou por falésias atuais quando se estendem até a atual linha de costa, como ocorre ao sul de Porto Seguro e ao norte de Prado. É caracterizada pela predominância de feições aplainadas parcialmente conservadas submetidas a retoques e remanejamentos sucessivos, ocorrendo também áreas dissecadas constituídas por feições de topos convexos e eventualmente aguçados, formando pontões e até cristas, relacionadas com áreas de coberturas rasas e com exposições ocasionadas do substrato, a exemplo do que ocorre com o Monte Pascoal (586 m) no município de Itamaraju (Figura 5) (BRASIL, 1987).

Essas feições resultam de uma dissecação fluvial em função de diferentes níveis de bases dados por numerosos rios, dentre eles, destacam-se os rios Mucuri, Buranhém, Caraíva, Curumbaú, que apresentam um padrão de drenagem paralelo e subparalelo relacionado com o controle tectônico (GONÇALVES, 1976; ROCHA FILHO, 1976).

As formações superficiais são representadas, predominantemente por colúvios pedogeneizados e materiais de alteração, que correspondem aos Latossolos e Argissolos de textura argilosa e argilo-arenosa. Sobre este modelado também são encontradas manchas de Espodossolos (SANTANA et al, 2002). Moreau (2002) levanta algumas hipóteses para a ocorrência de Espodossolos associados à Latossolos Amarelos em tabuleiros, dentre elas, destaca: a) desenvolvimento a partir de material das fácies de granulometria grosseira do próprio Barreiras; b) deposição de material arenoso do quaternário sobre o Barreiras; c) acidólise com destruição de argila e erosão do material mais arenoso para a parte abaciada com posterior formação do Espodossolo.

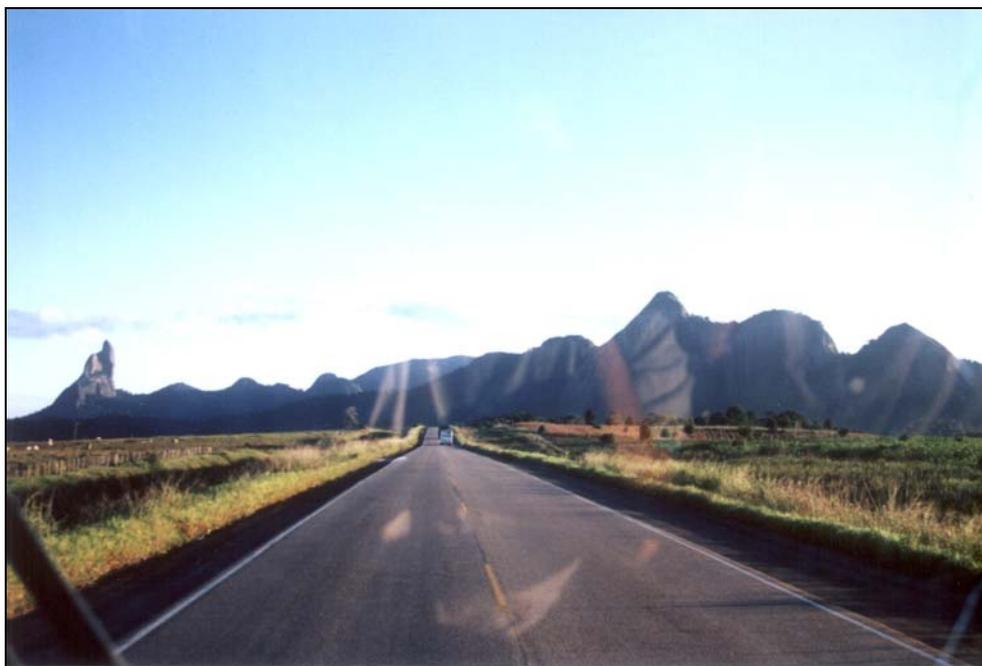


Figura 5 - Feições de topos convexos e eventualmente aguçados, formando pontões e até cristas, relacionadas com áreas de coberturas rasas e com exposições ocasionadas do substrato do Planalto Costeiro, Itamaraju - Bahia, em Julho de 2006.

Os processos morfogenéticos dos Tabuleiros Costeiros estão diretamente relacionados a elevada umidade do litoral aliada a declividades muito baixas (inferiores a 5°) somadas ao escoamento freático que permanece em nível mais elevado, e de escoamento superficial lento.

Nestas áreas os processos morfogenéticos atuam com maior intensidade, provocando nas encostas uma erosão regressiva, facilitada também pelas propriedades do material e quantidade elevada de chuva. Outro processo morfogenético de ação antrópica é a extração mineral realizada em túneis nas encostas, cria pontos de fraqueza, nos quais se instalam os processos erosivos que provocam movimentos de massa. O material retirado em ambos os casos, é remanejado para a colmatagem dos vales. Assim, a cobertura vegetal, elevada umidade do litoral, a predominância de solos bem desenvolvidos e um modelado que não representa essencialmente obstáculos à sua utilização são características indicativas de uma relativa estabilidade morfodinâmica moderada (BRASIL, 1987).

Os Mares de Morro aparecem no Planalto Costeiro nas áreas onde as rochas do embasamento cristalino afloram a superfície e nas áreas onde o desgaste das rochas do Grupo Barreiras ocorreram de maneira desigual. Este modelado é esculpado em climas úmidos apresentando como modelado colinas em forma de meia laranja e lombas largas que se interligam a planos de topografia irregular (AMORIM, 2006; SEI, 2004).

O Planalto Pré-Litorâneo constitui uma superfície intensamente dissecada e rampeada em direção à costa, registrando altitudes médias no entorno de 350m. Esta unidade encontra-se submetida às influências de climas predominantemente úmidos que interferem nos processos de dissecação e na pedogênese do material superficial. Na área encontram-se profundos mantos de alteração, favoráveis à evolução de solos profundos, desenvolvidos a partir de rochas proterozoicas constituídas principalmente de metatexistos, granitos, biotita xistos, quartzo-biotita xistos a gnaisses e também de coberturas detríticas cenozóicas do Grupo Barreiras (BRASIL, 1987; SEI, 2004).

As condições morfogenéticas caracterizadas pelas ações químicas e pela intensidade da dissecação fluvial camuflam os traços estruturais que se refletem na orientação da drenagem, em direção noroeste-sudeste, sugerindo fraturas e falhas; de segmentos de canais retilíneos ou eventualmente marcados por angulosidades; de margens posicionadas em diferentes níveis constituindo vales dissimétricos; de bordas em desniveladas em relação aos Tabuleiros Costeiros; e também pontões e cristas relacionadas às rochas do embasamento arqueano (GONÇALVES, 1976; ROCHA FILHO, 1976; BRASIL, 1987).

As encostas mostram-se geralmente convexas apresentando declividades em torno 2 a 11%, acusando índices mais fortes em torno de 24% e até mais áreas mais elevadas onde os entalhes são mais profundos. Entremeando-se a estas feições ocorrem formas aguçadas, resultantes de dissecação diferencial, relacionadas às rochas do embasamento, que ocasionalmente afloram em alguns trechos próximos das drenagens e nos pontões, linhas de cumeadas e cristas, que se destacam das elevações residuais. Os topos dessas feições mostram-se geralmente concordantes com relevos da unidade adjacente. As formas semiconservadas correspondem a restos de coberturas detríticas cenozóicas do Grupo Barreiras, que constituem topos nivelados dissecados por vales que apresentam controle estrutural. Essas coberturas alcançam 3 a 4 m de espessura, mostrando-se predominantemente grosseiras, formando na base cerca de 1 m de conglomerado ferrífero. Sua origem deve-se provavelmente a remobilização do material de alteração das rochas do embasamento, cuja deposição é supostamente anterior ao escavamento dos vales, constituindo ainda colúvios de cor avermelhada sobre a rocha alterada apresentando geralmente linhas de seixos na base. Observa-se ainda que a Mesofoma apresenta elevada susceptibilidade a processos erosivos (BRASIL, 1987).

Sobre as mesoformas abordadas anteriormente encontra-se a Floresta Ombrófila Densa e a Floresta Estacional Semi-Decidual. A primeira cobre terrenos miopliocenos (Grupo Barreiras) ao longo do litoral. As condições climáticas especiais, com um período seco variando de 0 a 30 dias, são traduzidas na cobertura vegetal por árvores perenifóliadas, sem nenhum mecanismo de proteção à seca e fisionomia característica, o que significa que o déficit de proteção à seca e a fisionomia característica, o que significa que o déficit hídrico do solo não chega a ficar crítico por falta de umidade disponível para as plantas durante o ano. O estrato superior é composto de grandes árvores, com altura em torno de 30m, emergindo sobre um estrato relativamente mais baixo (cerca de 20m). A submata, formada em grande parte por indivíduos de regeneração arbórea dominante, distribui-se espaçadamente, permitindo até certo ponto uma fácil locomoção no interior da floresta. As lianas e epífitas não são abundantes e praticamente inexistem um tapete gramíneo-lenhoso baixo (BRASIL, 1987).

É possível identificar uma transição entre a Floresta Ombrófila Densa e as Restingas. Analisando estas áreas a partir dos Tabuleiros Costeiros, em direção à linha de maré mais alta, observa-se que à medida que os solos vão adquirindo uma cobertura arenosa, a Floresta Ombrófila Densa vai perdendo sua pujança com árvores passando a ter um aspecto mais xeromorfizado, até atingir solos totalmente arenosos (Neossolos Quartzarênicos), definindo a Formação de Restinga Arbórea (BRASIL, 1987).

Já a Floresta Estacional Semidecidual está situada na área onde o clima apresenta duas estações definidas, uma chuvosa e outra seca. Este clima acarreta uma estacionalidade foliar dos elementos arbóreos dominantes, os quais têm adaptações à deficiência hídrica. A porcentagem das árvores caducifólias no conjunto florestal e não das espécies que perdem folhas individualmente deve situar-se em torno de 20% na época desfavorável. A área é caracterizada por um período seco que varia de 90 a 120 dias, em áreas dissecadas do Pré-Cambriano e umas poucas do Quaternário Recente (aluviais), em altitudes variáveis entre 200 e 500 m. Via de regra, a classe de solo dominante é Argissolo Vermelho-Amarelo, com grande capacidade de retenção de água, o que permite em alguns locais uma amplitude maior do período de estiagem (Figura 04) (BRASIL, 1987).

### **Histórico do uso e ocupação do Extremo Sul da Bahia**

O processo de ocupação e povoamento efetivado pelos portugueses dessa parte do território baiano se iniciou a partir do litoral, com a criação de povoados, vilas e cidades com fins de defesa, comércio e administração colonial. Os primeiros núcleos de ocupação, ainda de caráter provisório, surgiram em Porto Seguro e Caravelas quando o governo português apenas realizava expedições para extrair os recursos naturais da área, principalmente o pau-brasil.

A coroa portuguesa posteriormente definiu o sistema de Capitânicas Hereditárias para a viabilização do sistema de colonização. Nesta fase, a capitania de Porto Seguro, assim como a vizinha de Ilhéus, permaneceu como fronteira de recursos inexplorados, pois o povoamento destas áreas estava restrito a alguns núcleos dispersos pelo litoral, situados no estuário dos rios e canais.

Segundo SEI (2002) a porção sul do Estado da Bahia permaneceu fragilmente integrada ao conjunto da economia nacional, até a segunda metade do século XIX, quando se implanta a lavoura cacaueteira a norte do rio Jequitinhonha. Desta forma, o desenvolvimento da caucultura intensificou a ocupação e a transformação da região limítrofe Litoral Sul, mantendo a dinâmica no Extremo Sul praticamente inalterada.

Um fator que contribuiu para este lento processo de (re)produção do espaço dá-se porque a ligação entre as vilas e cidades da área realizava-se basicamente por via marítima, sendo que a comunicação por via terrestre utilizava-se de pequenas e precárias estradas vicinais.

Na década de 1950, com a abertura da BR 5 que vinha interligar o Estado da Bahia ao Estado do Espírito Santo, fato que contribuiu para a expansão do cultivo do cacau que embora não tinha representado a mesma dinâmica de crescimento econômico que aquele vivenciado na região Litoral Sul do Estado representou importante fator de desenvolvimento agrícola. Outro fato importante foi o crescimento da pecuária que significou aumento do fluxo de migrantes para a região. A crescente exploração da madeira representou a devastação de significativas áreas de Mata Atlântica e substituição pela pastagem e área de uso agrícola.

Alterações na dinâmica de uso do solo impulsionadas a partir da construção da BR 5 desencadeou um processo de interiorização da ocupação que dinamizou, gradativamente, a vida econômica e estimulou o povoamento de áreas até então pouco habitadas ou sem aproveitamento econômico. Para SEI (2002, p. 236):

A extração de madeira, iniciada nos primórdios da colonização portuguesa, intensifica-se e amplia suas possibilidades de comercialização, ainda no começo do século XX, com a construção da estrada de ferro Bahia-Minas (...). Na década de 1950, a produção madeireira, que se constituía numa atividade econômica destacada, contribuiu para a ação dos pecuaristas, os quais, muitas vezes, já encontravam as terras "limpas", isto é, desmatadas para a formação de pastagens.

Durante a década de 60, a região foi dinamizada com a abertura da BR-101 (ampliação e melhoria da BR-5). Na área cortada pela rodovia, ocorreu o surgimento e o rápido crescimento de diversas localidades fora da faixa litorânea, como os povoados de Eunápolis e Teixeira de Freitas, que a partir de 1970 tornaram-se os maiores centros urbanos da região, rivalizando em importância econômica e porte demográfico com cidades de regiões vizinhas, assim como propiciaram o adensamento de pequenos núcleos interioranos já existentes, a exemplo de Itamaraju. Observa-se entre que a ocupação acelerada da região acentuou o desmatamento (Figura 6).

Segundo CAR (1994) a implantação do transporte rodoviário e baixo valor das terras, associadas os incentivos dos governos estaduais e as altas potencialidades naturais da região, atraíram diversos agentes econômicos tais como: madeireiros, pecuaristas, agricultores e industriais do setor de celulose e papel.

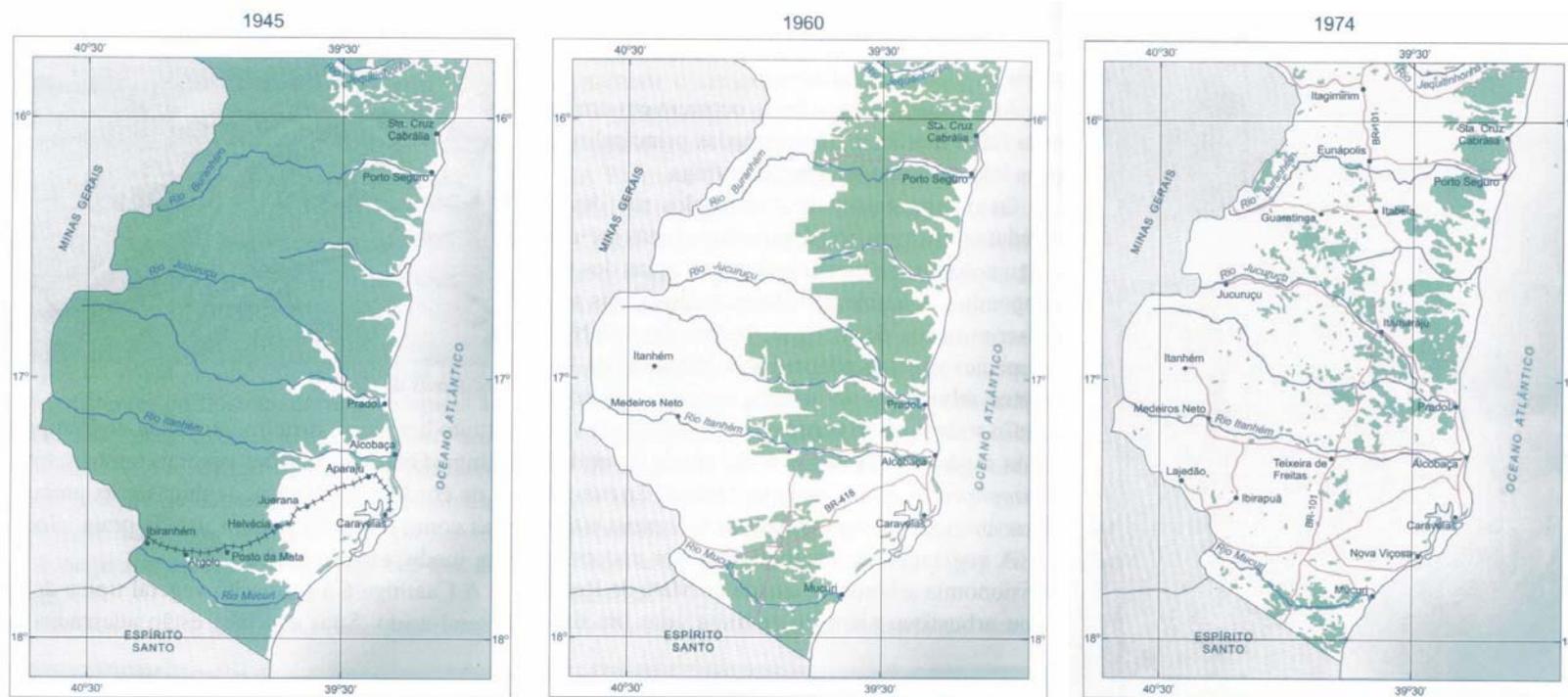


Figura 6: Mapas da área de Mata Atlântica (Floresta Ombrófila Densa e Mata Estacional Semi-Decidual) em 1945, 1960 e 1974, respectivamente  
Fonte: Silva et al (2004)

Surgiu um novo ciclo madeireiro (...) em meados dos anos 1960 e início da década de 1970, contando com a participação de grandes e pequenos empresários provenientes, em sua maioria, do Estado do Espírito Santo. Tais grupos intensificaram, de maneira drástica, o processo de destruição da Mata Atlântica, que apesar de vir sendo explorada, desde os primórdios da colonização, ainda se encontrava relativamente preservada, no decênio de 1960, em função do próprio povoamento rarefeito e das técnicas rudimentares utilizadas pelos antigos madeireiros (SEI, 2002, p. 237).

Os desmatamentos estimularam a expansão da pecuária bovina (em toda a região) e a implantação dos cultivos de mamão principalmente na região próxima ao litoral. Outra atividade econômica implantada na região, principalmente no Planalto Costeiro foi o reflorestamento, incentivado pelas políticas federais e estaduais a partir de meados da década de 1970.

A instalação de maciços florestais no Extremo Sul orientou-se, inicialmente, para o atendimento a diversos fins. Porém, de meados dos anos 1980 (...) a criação de florestas de pinos e, sobretudo eucaliptos, para suprir as necessidades presentes e futuras das indústrias de papel e celulose que vieram a se implantar mais recentemente na região (a Bahia Sul e a Veracel Celulose, instaladas em Mucuri e Eunápolis, respectivamente) ou em regiões vizinhas (a Aracruz e a CAF Florestal, instaladas no Espírito Santo). (SEI, 2002, p. 238).

A silvicultura de eucalipto ocupa principalmente as áreas com litologia do Grupo Barreiras devido à porosidade das rochas que permite uma rápida recomposição dos níveis dos lençóis freáticos. Outras características da área que favorecem a instalação dessa atividade na área segundo Dias (2001): condições climáticas favoráveis; solos apropriados; terras baratas; disponibilidade de mão-de-obra; proximidade dos centros de consumo; condições fiscais favoráveis (Figura 7).



Figura 7 - Plantação de Eucalipto sobre as falésias (Grupo Barreiras) de Cumuruxatiba (Prado-Bahia) em Julho de 2006.

SEI (1995) aponta dois vetores econômicos de polarização do Extremo Sul da Bahia: a celulose e o turismo. Realizando um corte longitudinal (Figura 8) verifica-se que a celulose polariza a economia do interior e o turismo o desenvolvimento do litoral.

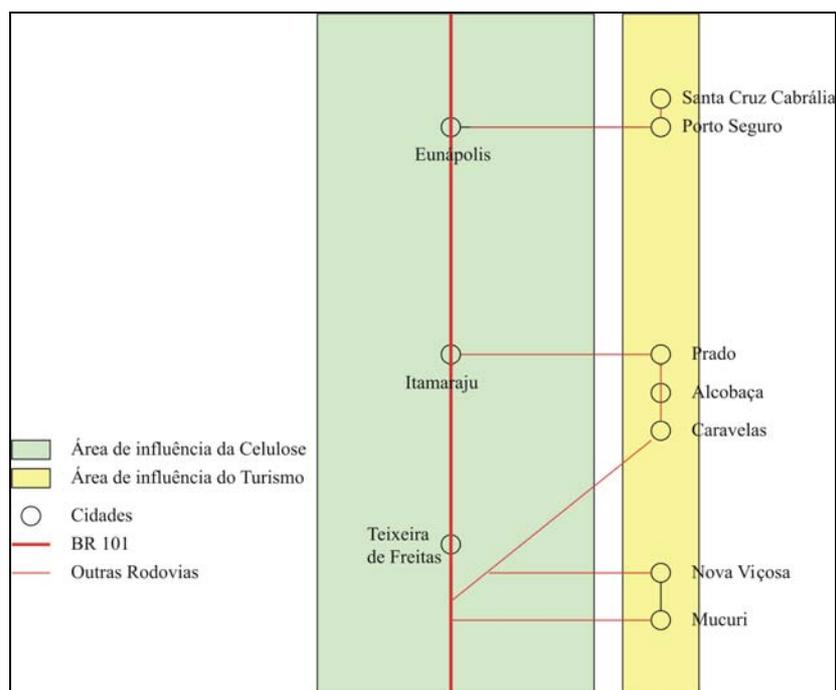


Figura 8 - Processo de Polarização econômica do Extremo Sul da Bahia. Adaptado: (SEI, 1995).

O Órgão oficial de Turismo da Bahia (BAHIATURSA), regionalizou o litoral baiano em regiões turísticas. O Extremo Sul da Bahia é compreendido pelas regiões Costa do Descobrimento e Costa das Baleias. Na Costa do Descobrimento os principais destinos turísticos são: Porto Seguro e Santa Cruz Cabralia. Durante a década de 90, a área consolida-se como centro turístico, recebendo turistas de todas as regiões brasileiras e também do exterior. Já os municípios da Costa das Baleias (Prado, Alcobaça, Caravelas e Mucuri) apresentam um turismo pouco desenvolvido atendendo principalmente a turistas mineiros e capixabas. Desta forma, conclui-se que o Turismo na região apresenta uma tendência de expansão do norte em direção ao sul.

Já a silvicultura de eucalipto inicialmente implantada nos limites entre a Bahia e o Espírito Santo, vêm durante a década de 90 expandindo-se em direção ao norte (aos arredores do município de Eunápolis) em virtude da implantação da Veracel Celulose.

Para SEI (1995) há uma aparente unidade de comportamento das duas atividades de per si, sobressaindo à heterogeneidade das duas relações e funções, onde as vias estruturais de acesso regional – ênfase na BR-101 – só servem para promover a articulação da região. No Extremo Sul da Bahia, existe duas redes de cidades distintas: a rede litorânea que serve ao turismo e a interiorana que se desenvolveu ao longo da BR-101 (Eunápolis – Itamaraju –

Teixeira de Freitas) que polarizam a economia regional e servem como um cordão comercial e dá suporte ao tráfego de passagem. (LEÃO, 1998).

No final da década de 1990, início de 2000, foi construída a Usina Hidrelétrica de Itapebi (Figura 9), sobre o Rio Jequitinhonha, objetivando o abastecimento de energia para toda a Região, já que nos últimos anos, o processo de industrialização da região e o crescimento demográfico e do porte das cidades.



Figura 9 - Usina Hidrelétrica de Itapebi, em Julho de 2006

A aceleração na ocupação nos últimos anos ocasionou na diminuição brusca da área de Mata Atlântica. Fazendo uma retrospectiva tenho como referência a Figura 06, observa-se que restam poucos remanescentes florestais. Nas áreas ocupadas pela pecuária, poucos testemunhos da antiga floresta são visualizados, tendo-se extensas superfícies totalmente desflorestadas e transformadas em pastagens, estas ora muito bem manejadas, ora inteiramente abandonadas e invadidas pela sambambaia-açu (*Pteridium aquilinum*). Curiosamente pode-se observar que nem mesmo as encostas mais íngremes e espigões mantêm-se florestados, sendo também cobertas principalmente pelo capim-gordura (*Melinis minutiflora*) (Figura 10).

A degradação ambiental também atingiu os Ecossistemas Costeiros. De uma maneira geral as Restingas, sobretudo a Arbórea, foram significativamente alteradas pela ação antrópica através da implantação de pastagens e extração de madeira para serraria e carvão. Atualmente constata-se que grandes áreas foram adquiridas por empresas reflorestadoras para implantação de reflorestamento em alta escala. Os manguezais são aterrados para atender a expansão urbana desordenada que cresce atrelada ao desenvolvimento do turismo.

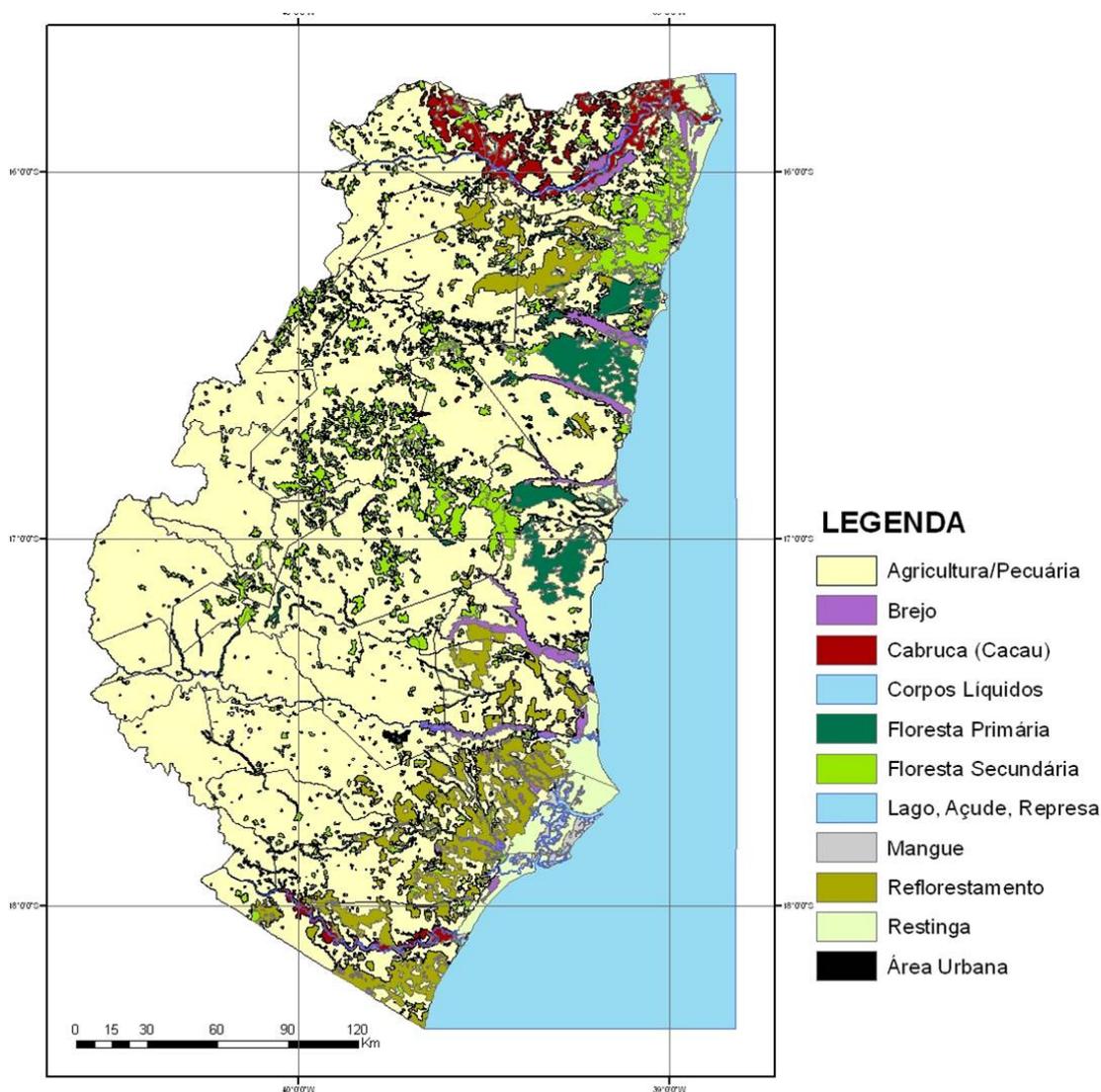


Figura 10 - Mapa de Uso da Terra do Extremo Sul da Bahia.  
Adaptado: (SEI, 2004).

### Transformações territoriais e dinâmica demográfica

Segundo o mais recente levantamento censitário realizado pelo IBGE, o Censo Demográfico de 2000, a Região Extremo Sul, com um contingente populacional de 664.850 habitantes, ou seja, é a sétima região do Estado da Bahia em porte demográfico. Entre 1980-2000, a região ampliou sua participação no conjunto do Estado – ainda que tenha registrado um pequeno declínio entre 1980-1991 – chegando ao ano de 2000 com uma população correspondente a 5,09% da população estadual (equivalente a 13.070.250 habitantes). Tal ampliação decorreu do maior ritmo de crescimento demográfico registrado na região em comparação ao conjunto do Estado e demais regiões econômicas (Tabela 1).

Tabela 1  
Evolução Demográfica do Extremo Sul da Bahia entre 1970-2000

<i>Município</i>	<b>1970</b>			<b>1980 (1)</b>		
	T	U	R	T	U	R
Alcobaça	32.323	4.018	28.305	11.672	3.533	8.139
Belmonte	21.070	8.126	12.944	22.549	9.953	12.596
Caravelas (3)	26.027	6.609	19.418	20.443	7.089	13.354
Eunápolis (2)	-	-	-	48.748	407	48.341
Guaratinga	33.118	3.720	29.398	30.442	7.170	23.272
Ibirapoã	-	-	-	9.804	3.420	6.384
Itabela	-	-	-	24.959	0	24.959
Itagimirim	10.811	3.453	7.358	7.887	3.799	4.088
Itamaraju (3)	63.938	12.050	51.888	60.937	31.947	28.990
Itanhém	34.745	13.164	21.581	27.679	10.857	16.822
Itapebi	13.786	3.487	10.299	11.063	4.610	6.453
Jucuruçu (2)	-	-	-	16.745	1.104	15.641
Lajedão	7.092	1.734	5.358	4.682	1.970	2.712
Medeiros Neto	29.336	14.571	14.765	27.452	14.691	12.761
Mucuri	16.766	2.262	14.504	15.143	2.842	12.301
Nova Viçosa	17.073	3.807	13.266	18.587	6.091	12.496
Porto Seguro (3)	33.108	3.588	29.520	14.419	5.742	8.677
Prado (3)	31.210	5.145	26.065	15.722	6.156	9.566
Santa Cruz Cabralia (3)	27.171	1.761	25.410	7.557	1.138	6.419
Teixeira de Freitas	-	-	-	49.269	1.023	48.246
Vereda (2)	-	-	-	10.721	757	9964
<b>TOTAL</b>	<b>397.574</b>	<b>87.495</b>	<b>310.079</b>	<b>456.480</b>	<b>124.299</b>	<b>332.181</b>

<i>Município</i>	<b>1991</b>			<b>2000</b>		
	T	U	R	T	U	R
Alcobaça	15.410	5.464	9.946	20.900	7.446	13.454
Belmonte	22.070	10.860	11.210	20.032	10.806	9.226
Caravelas (3)	19.763	8.932	10.831	20.103	10.332	9.771
Eunápolis (2)	70.545	63.540	7.005	84.120	79.161	4.959
Guaratinga	25.441	9.159	16.282	24.319	10.017	14.302
Ibirapoã	8.290	3.413	4.877	7.096	3.573	3.523
Itabela	20.848	13.577	7.271	25.746	18.837	6.909
Itagimirim	7.887	5.078	2.809	7.728	5.941	1.787
Itamaraju (3)	64.308	44.449	19.859	64.144	48.037	16.107
Itanhém	23.225	13.060	10.165	21.334	14.090	7.244
Itapebi	11.078	6.396	4.682	11.126	8.542	2.584
Jucuruçu (2)	16.012	1.299	14.713	12.377	1.850	10.527
Lajedão	3.818	1.663	2.155	3.409	1.852	1.557
Medeiros Neto	23.059	15.704	7.355	21.235	16.027	5.208
Mucuri	17.606	4.810	12.796	28.062	18.685	9.377
Nova Viçosa	25.570	9.374	16.196	32.076	24.636	7.440
Porto Seguro(3)	34.661	23.315	11.346	95.721	79.619	16.102
Prado (3)	22.632	9.655	12.977	26.498	14.169	12.329
Santa Cruz Cabralia (3)	6.535	3.197	3.338	23.888	13.527	10.361
Teixeira de Freitas (2)	85.547	74.221	11.326	107.486	98.688	8.798
Vereda (2)	8.914	961	7.953	7.450	1.276	6.174
<b>TOTAL</b>	<b>533.219</b>	<b>328.127</b>	<b>205.092</b>	<b>664.850</b>	<b>487.111</b>	<b>177.739</b>

Fonte: Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000.

(1) A população dos municípios criados após 1980 e dos que perderam área para estes novos municípios foi ajustada para os limites municipais de 1991, usando-se a tabela de comparatividade dos setores censitários, do próprio IBGE;

(2) Município criado após o Censo Demográfico de 1980;

(3) Município que deu origem a outro após o Censo Demográfico de 1980.

Contrariamente ao que vem ocorrendo no conjunto do Estado e na grande maioria das Regiões Econômicas, o Extremo Sul registrou uma aceleração no ritmo de crescimento demográfico desde a década de 1970. O principal fator desencadeador deste crescimento é a integração desta região a dinâmica econômica estadual e nacional. É interessante destacar que esta foi a primeira vez em que o crescimento demográfico de uma das Regiões Econômicas do Estado foi superior ao da RMS e ao de Salvador (SEI, 1998).

SEI (1998) conclui o estudo referido que a aceleração do crescimento demográfico do Extremo Sul, no período 1980-1991 para 1991-1996, foi motivada principalmente por:

- 1º. uma forte intensificação dos fluxos de imigração para esta região, a ponto de tornar positivo o saldo migratório ou de aumentá-lo significativamente, e;
- 2º. uma pequena, mas regular, redução dos níveis de mortalidade. Para o período de 2000, as evidências empíricas apontam à continuidade dessas tendências.

A grande maioria dos habitantes (73,27%) reside nas áreas urbanas dos municípios, o que torna o Extremo Sul a segunda região do Estado em termos de urbanização. A população urbana da região registrou as maiores taxas de crescimento entre as populações urbanas das regiões econômicas (Tabela 01). O impacto das redefinições político-administrativas também foi significativo, em função da criação de cinco novos municípios: Eunápolis, Teixeira de Freitas, Itabela, Vereda e Jucuruçu. A criação dos dois primeiros municípios elevou de maneira significativa o contingente urbano da região por se tratar de localidades com portes demográficos bastante expressivos (os maiores da região). No caso, a criação dos municípios de Teixeira de Freitas e Eunápolis representou o reconhecimento legal de uma função urbana já desempenhada pelas localidades, que, à época, eram definidas como áreas rurais dos municípios de Santa Cruz Cabralia, Porto Seguro, Caravelas e Alcobaça (SEI, 1998). Mas, muitas vezes, tais atos administrativos transformam em urbanas localidades que a rigor não se encaixam nesta categoria, dada a pouca diversificação da economia, concentrada basicamente no setor primário, e a precária articulação com os demais centros. Este é, provavelmente, o caso de diversas cidades da região com portes demográficos bastante reduzidos.

O mesmo raciocínio se aplica ao pequeno crescimento demográfico das áreas rurais, que resultou inclusive numa redução absoluta de população nos períodos analisados. Entre 1980-1991, a população rural passou de 332.164 habitantes para 205.092, o que significou a menor taxa de crescimento demográfico entre as regiões econômicas do Estado. Entre 1991-2000, houve um arrefecimento das perdas demográficas rurais totalizando uma população de 177.739 habitantes. Não se pode precisar a contribuição das modificações político-administrativas dos municípios no crescimento das populações urbanas e rurais, mas é razoável supor que, entre 1970-1980 e 1980-1991, tais mudanças tenham sido muito importantes em função da criação de municípios com a emancipação de povoados (portanto, pertencentes às áreas rurais) com populações bastante significativas. Entre 1991-2000, apesar de não ter sido criado nenhum município, alguns dos já existentes apresentaram redefinições nos perímetros urbanos que contribuiu para um maior ritmo de crescimento demográfico nas áreas urbanas e uma conseqüente redução do crescimento nas áreas rurais. No entanto, é importante lembrar que tal tendência é compatível com o que vem ocorrendo no conjunto do Estado, nas demais regiões econômicas e, mesmo, no conjunto do País, onde se observa um esvaziamento do campo em função de transformações socioeconômicas e culturais, com particular destaque para a falta de uma política voltada para as áreas rurais dos municípios ou a ineficiência das políticas existentes e do maior dinamismo de algumas áreas urbanas.

Em Porto Seguro e Santa Cruz Cabralia o crescimento demográfico na área rural encontra-se associado à expansão do turismo, que tem avançado sobre as áreas rurais do município; em Alcobaça o fenômeno também pode estar associado ao turismo.

### **Fragilidade ambiental e ação antrópica no extremo sul da Bahia**

À medida que cresce de maneira desordenada e sem um devido planejamento à apropriação do

Extremo Sul da Bahia, o estado ambiental dessa área vem sendo alterado drasticamente.

Nas planícies marinha e flúvio-marinha, a dinâmica natural dos ecossistemas vêm-se drasticamente alteradas em função das crescentes interferências antrópicas, acentuando os níveis de fragilidade desses ambientes. A intervenção antrópica tem se efetivado a partir da crescente implementação de sistemas de engenharia que venham responder as necessidades do uso urbano que se faz de forma desordenada, desconsiderando por completo os níveis de fragilidade natural, gerando problemas ambientais como a ocupação da pós-praia, o aterro dos manguezais, o despejo de efluentes, o acúmulo do lixo em áreas impróprias, dentre outros.

Outras ações antrópicas que alteram a estabilidade dessa Mesoforma estão na exploração mineral, como por exemplo, no distrito de Cumuruxatiba (município de Prado), onde a exploração de minerais pesados como ilmenita, monazita e zirconita encontrados nas praias intensificam os níveis de degradação ambiental. Estes minerais são aí depositados em função da erosão marinha na soleira das falésias que tem sua formação vinculadas aos sedimentos do Grupo Barreiras.

Estas áreas atualmente são áreas preferenciais para os fluxos migratórios que são oriundos da região cacauzeira em crise desde final dos anos 80, e da zona rural da própria região Extremo Sul, que vê no litoral a chance de encontrar novos postos de trabalho. Como as cidades não absorvem toda a mão de obra, a população vê-se obrigada a desempenhar atividades no setor informal da economia, ou extrair recursos da natureza, como a catagem de marisco e crustáceos, a retirada de madeira para construção, lenha e confecção de artesanato, o aterro dos manguezais para fixação de moradia etc.

A planície fluvial é caracterizada como de instabilidade forte (BRASIL, 1987), uma vez marcada pela predominância da morfogênese sobre a pedogênese. Entretanto, pela sua morfologia e natureza dos solos férteis e com excedentes hídricos, ali se adaptam muito bem culturas cíclicas e permanentes, e pastagens que geram processos erosivos. O material erodido é depositado no leito dos rios levando a um estreitamento das margens e o assoreamento dos canais, agravando ainda a ação das enchentes que atingem as comunidades ribeirinhas da área rural e da área urbana de alguns municípios como Itabepi, Belmonte e Itamaraju.

As próprias condições naturais dos Tabuleiros Costeiros favorecem a ocorrência de processos erosivos como as ravinas e voçorocas. O desmatamento acelerado nos últimos 50 anos, associados à implementação de pastagem e os cultivos de eucalipto tornam o material exposto, acelerando os processos erosivos. Na área urbana de Eunápolis, nos bairros Urbis I e II, o avanço das voçorocas atinge ruas inteiras (Figura 11).

Nos distritos de Trancoso e Arraial D'Ajuda, a apropriação de falésias para a construção de empreendimentos turísticos como *resorts*, campos de golfe e heliportos atendem a um seletivo público de turistas, principalmente estrangeiros. O crescimento do turismo está vinculado ao aumento do *trade* turístico, na melhoria das vias de transporte (aérea e terrestre). As belezas naturais e o patrimônio histórico-cultural são o carro-chefe para o desenvolvimento dessa atividade na área.

No Planalto Pré-Litorâneo, o desmatamento decorrente desde o final do século XIX, associado à extração de minérios e o plantio de pastagens, vêm acelerando os processos erosivos e a ocorrência dos movimentos de massa, além do assoreamento dos rios e alargamento das margens, tornando a área cada vez mais propícia a problemas ambientais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de ocupação do Extremo Sul da Bahia tem se intensificado a partir da segunda metade do século XX, com a instalação de diversas atividades econômicas que causam a degradação socioambiental da área. Podem-se identificar algumas conseqüências mais marcantes para a região: a devastação da Mata Atlântica; o uso inadequado do solo; o crescimento acelerado da população; agravamento da fragilidade ambiental; e o crescimento e surgimento de novas cidades, levando a região a atingir o maior índice de urbanização do

Estado. A ocupação desordenada da região pela expansão agrícola, consolidação dos empreendimentos industriais e turísticos têm ocasionado uma nova territorialidade regional intensificam as desigualdades socioespaciais e a fragilidade ambiental natural.

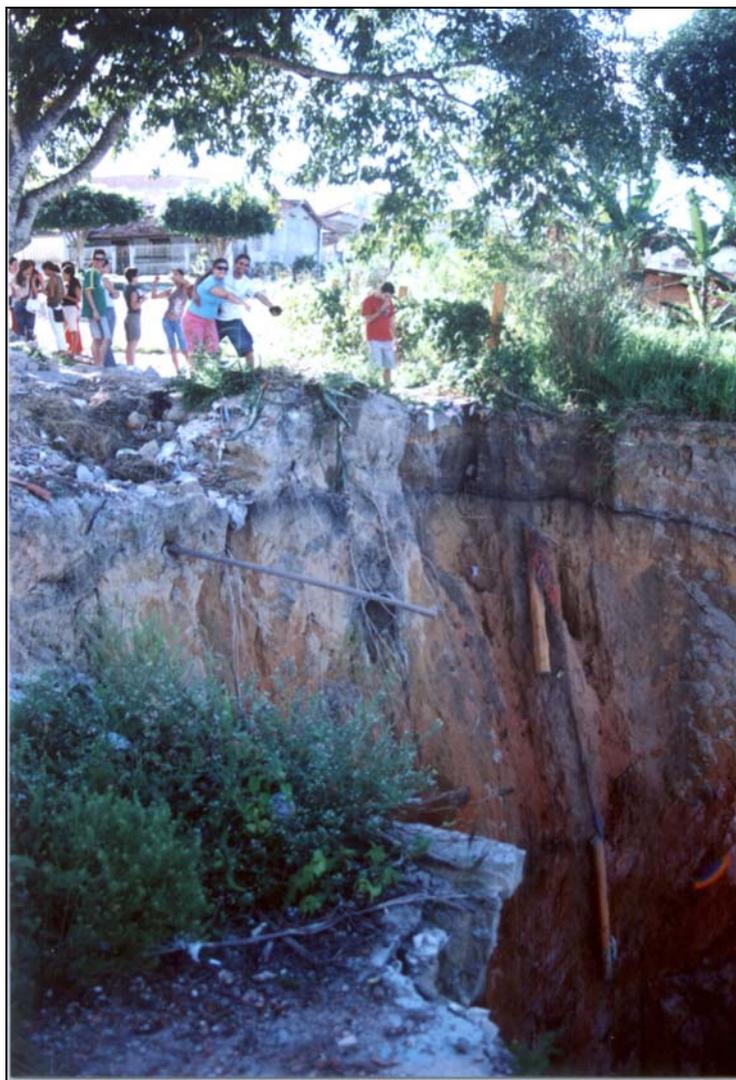


Figura 11 - Voçoroca no bairro Urbis II em Eunápolis-Bahia, em julho de 2006.

### Referências Bibliográficas

AMORIM, R. R. Chaves de identificação de ambientes com ênfase nos aspectos pedogeomorfológicos para o município de Ilhéus: uma ferramenta ao ensino da Geografia. 2006. 43p. (**Monografia**). Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus-BA. 2006.

BRASIL. **Folha SE 24 Rio Doce: geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação, uso potencial da terra**. IBGE. Rio de Janeiro, 1987.

CAR. COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO E AÇÃO REGIONAL (BA.) **Política de**

**desenvolvimento para o Extremo Sul da Bahia.** Salvador: CAR, 1994.

DIAS, N. J. Os impactos da moderna indústria no Extremo Sul da Bahia: expectativas e frustrações. **Bahia análise & dados.** Salvador. SEI v.10 n.4. p. 320-325. Mar/2001.

GONÇALVES, E. **Geologia e Recursos Minerais.** Rio de Janeiro: Cartográfica Cruzeiro do Sul, 1976. 142p. (Diagnóstico sócio-econômico da região cacauera).

LEÃO, S. Espacialização e Expansão da Territorialidade Baiana na Próxima Década. **Bahia Análise & Dados.** Salvador. SEI. nº02/03. 70-85p. Set/Dez, 1998.

RIBEIRO, E. M.; GALIZONI, F. M. Sistemas agrários, recursos naturais e migrações no alto Jequitinhonha, Minas Gerais. In: TORRES, H; COSTA, H. (org) **População e meio ambiente: debates e desafios.** São Paulo: Editora SENAC, 2000.

ROCHA FILHO, C. A. **Recursos Hídricos.** Rio de Janeiro: Convênio II RA / Ceplac, 1976. (Diagnóstico sócio-econômico da região cacauera).

SANTANA, S. O. **Solos da região Sudeste da Bahia: atualização da legenda de acordo com o sistema brasileiro de classificação de solos.** Ilhéus: CEPLAC; Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 2002. CD-ROM.

SEI. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Celulose e Turismo. Extremo Sul da Bahia.** Salvador: SEI, 1995.

\_\_\_\_\_. **Mudanças sociodemográficas recentes - Extremo Sul da Bahia.** Salvador: SEI, 1998.

\_\_\_\_\_. **Dinâmica sociodemográfica da Bahia: 1980-2000.** Salvador: SEI, 2002.

\_\_\_\_\_. **Mapas digitalizados do Estado da Bahia: base de dados.** Salvador: SEI, 2004. CD-ROM.

SILVA, B. C. N. et al. **Atlas escolar Bahia: espaço geo-histórico e cultural.** 2 ed. João Pessoa: Grafiset, 2004.

SILVA, L. F. **Aptidão agrícola dos solos da região da região cacauera.** Rio de Janeiro: Cartografia Cruzeiro do Sul, 1975. (Diagnóstico sócio-econômico da região cacauera).